REVISTA COMUNERA [EDITORIAL][1]

Lo cierto es que la dominación capitalista cada vez más trata de realizarse también desde lo cultural para velar su lado de violencia y barbarie, por lo que debe ser enfrentada desde lo cultural, a pesar de los desafíos que esto entraña. En esa dirección arribamos a una perspectiva que suma en favor de la vigencia del legado de Marx, la contraposición de dos polos; la cultura de la desesperanza, la violencia y la guerra, y la de la esperanza, versus la de dignificación humana, justicia, solidaridad, internacionalismo, resistencia y autoestima de los pueblos. El primer polo hasta ahora dominante trata de doblegar la ira El pensamiento y la cultura como armas para la transformación y la esperanza popular presente en nuestro continente por un mundo más justo; le apuesta as desmonte de los paradigmas y los símbolos asociados a cambios emancipatorios -Fidel, el Che, Chávez, Camilo Torres, Genaro, Lucio o Zapata-, resaltando sus debilidades - Venezuela en este momento-, y no los logros de los países que han decidido realizar procesos antiimperialistas y socialistas. El segundo polo cultural a favor de la dignificación humana, es en el que se inserta el legado de Marx, con la peculiaridad de ser capaz de ligarse con las más avanzadas corrientes del pensamiento y tradiciones nacionales y las de los pueblos originarios. Puede hacerlo al ser una concepción que analiza el mundo en su complejidad, con su demostrada capacidad de articularse con las tradiciones de los pueblos. También porque expresa una interculturalidad extraña en las lógicas de la colonialidad del capitalismo. Cabe entonces revisar nuestras tradiciones nacionales como pensamiento propio de los pueblos, porque en muchos lugares el marxismo ya está integrado a esas tradiciones, a la vez que es una teoría que se alimenta de los datos que la historia y los contextos nacionales brindan. Entonces en enfrentamiento al capital, no se puede prescindir de la herencia cultural de cada pueblo y nación, de las ideas y valores que están en los cimientos de nuestros países, del pensamiento crítico latinoamericano. Tampoco entonces se puede prescindir de la obra de Marx ni de la escuela del pensamiento que generó a favor de un cambio civilizatorio, que es también bio-cultural en el sentido de cultivar un modo de vida diferente, digno y libre. NO HAY QUE OCULTAR LA CARA DEL CAPITAL.

1. Editorial de la revista "Comunera": Espacio de solidaridad y convergencia de las luchas de comunidades, trabajadores y colectivos en resistencia, rebeldía y constructores de una vida digna y con bien común. Número 26, Octubre/2017. (http://www.elzenzontle.org/index.php)

EXPEDIENTE

Edição: Espaço Cultural Mané Garrincha
Diagramação: Karine Assumpção
Imagens: Internet e fotos próprias
Mural da capa: Karine e Alex



Jornal aroeira
Espaço Cultural Mané Garrincha
15º edição - novembro de 2017

Valor: R$ 2,00.
Sendo:
- Capital constante: R$ 1,00
- Capital variável: R$ 0,50
- Mais-valia: R$ 0,50
- Taxa de Lucro: 33,3 %
- Taxa de exploração: 100%*

* Entretanto esclarecemos de início que toda nossa mais valia arrecadada será reinvestida nas lutas do povo e na manutenção do nosso espaço. Não socorremos bancos estadunidenses quebrados! Favor não insistir.



EDITORIAL

HIC RHODUS, HIC SALTA!

Na fábula de Esopo, citada por Marx, um sujeito afirmava ter realizado grandes feitos atléticos na ilha de Rodes, especialmente no salto, ao que alguém o interpelou: “Hic Rhodus, hic salta!”. A mensagem era: Rodes é aqui, salta. Ou: o critério da verdade é a prática. O tempo presente coloca um desafio semelhante para os revolucionários.

As crises do capital se sucedem em intervalos cada vez menores. Vivemos a Era das Crises. O capital é um moribundo que sobrevive com a ajuda de aparelhos, mais precisamente os aportes bilionários dos Estados nacionais, que se transformaram em fiadores das orgias praticadas no mercado financeiro.

Os meios especializados em tecnologia e inovação começam a anunciar a Indústria 4.0, que representaria a Quarta Revolução Industrial, ampliando a automação e possibilitando o controle sobre a produção à distância e em tempo real. Duas inovações recentes sustentariam o novo ciclo produtivo: Internet das Coisas e Big Data. A primeira é capaz de conectar objetos, ambientes e máquinas à rede mundial de computadores, ampliando as possibilidades de coleta de dados; a segunda qualifica os dados coletados transformando-os em informações para as empresas. A Quarta Revolução Industrial seria capaz de fundir o mundo real e a realidade virtual. Boa parte dos comandos para a produção viria de sistemas móveis, de forma instantânea, descentralizada e flexível.

Discutir se é possível falar numa Quarta Revolução Industrial não nos interessa neste editorial, o importante é pontuar que as inovações tecnológicas, somadas às medidas políticas e econômicas (neoliberalismo) impostas pelo capital, golpearão o proletariado e, consequentemente, acirrarão a luta de classes.

Desenvolvimentos tecnológicos são incapazes de tirar o capital do atoleiro. Isso porque, historicamente, as crises capitalistas só se resolvem com ampla destruição de forças produtivas, como ocorreu nas duas guerras mundiais. Neste cenário, o futuro é duvidoso. A intensidade e a amplitude das guerras imperialistas tendem a crescer, por outro lado e ao mesmo tempo, o capital tenta recompor suas taxas de lucro ampliando a exploração sobre o proletariado, é o objetivo das (contra)reformas neoliberais impostas de norte a sul.

As inovações tecnológicas são as vigas de sustentação da casa (estrutura), o neoliberalismo é o telhado da casa (superestrutura), e a casa tá caindo na cabeça da classe trabalhadora.

No Brasil, o governo golpista e ilegítimo aprovou a reforma trabalhista, que ataca o movimento sindical e inviabiliza o acesso à justiça do trabalho. Como se não bastasse, os golpistas congelaram verbas sociais para pagar juros a parasitas e ainda

6 A burguesia vive terrível dicotomia. Por um lado, ela só triunfou sobre o regime feudal ao estabelecer seu Estado (hoje ainda é possível vê-lo socorrê-la em momentos de catástrofes econômicas, como a crise de 2008, onde governo Obama injetou dinheiro público para salvar a General Motors, Ford, etc.). Por outro lado, o capital desconhece fronteiras e avança por toda a Terra, ameaçando cada pátria sagrada e instituída pela burguesia ao longo dos séculos para o povo venerá-las. Livrar-se da pátria é rasgar o véu que a encobre e os mitos são imprescindíveis para a burguesia manter-se no poder.

7 Bandeiras históricas da burguesia, como a implantação de uma indústria nacional, a reforma agrária, educação universal, cidadania, dentre outras, foram adotadas pelos revolucionários. Porém, segundo o programa comunista, a cidadania é produto da propriedade privada. A reforma agrária recria novas propriedades e o revolucionário almeja a coletivização da terra, por isso deve-se ir além da reforma agrária e apontar a supressão do solo privado, o que não significa abandonar a luta pela reforma agrária. O mesmo devendo-se fazer com outras demandas, indicando o fim último que é a supressão da propriedade privada dos meios de produção.

Oficina: Nuestra America por los ojos de Violeta

A oficina Nuestra América por los ojos de Violeta tem como objetivo trabalhar alguns conceitos básicos de língua espanhola/castelhana, nos apropriando da cultura de nossa terra. Tendemos a virar as costas para o restante da latinoamérica, esquecendo que nosso sangue também corre por essas veias abertas.

Em nossa breve jornada, exploraremos principalmente a figura da cantante Violeta Parra, símbolo da música e da cultura camponesa do Chile, já que esse ano completou-se o centenário de seu nascimento e 50 anos de sua morte. Essa flor que brotou e floresceu em terras chilenas cantando a vida, o sofrimento de seu povo e o amor por seu chão.

A oficina será ministrada todos os sábados, a partir do dia 14 de outubro até o dia 18 de novembro, das 09h00min às 13h20min, com intervalo de 20 minutos para o lanche coletivo. O evento ocorrerá no Espaço Cultural Mané Garrincha, Rua Silveira Martins, 131, sala 11, Sé (saída do metrô em direção ao Poupatempo)

Programação:
14/10 - Chile X Brasil: perspectivas acerca de América Latina
21/10 - Los cantautores y “la nueva canción”
28/10 - Arte y política en América Latina
04/11 - Literatura de la “nuestra América”
11/11 - Violeta Parra - 100 años
18/11 - Visita al “Memorial da América Latina”



criador. O anseio em liquidar a moeda e a mercadoria. O fazer de Cuba uma trincheira de luta mundial contra o capitalismo. Tudo isso, Guevara pregou com seu exemplo.

Utopia? Sim, utopia. E há ser humano que o valha sem a capacidade de sonhar? Pessoas como Guevara são impensáveis sem sonhos a partir da realidade experienciada. Seu espírito aventureiro exigia-lhe provar suas verdades mesmo que para isso tivesse que entregar sua própria pele.

Mas se o campo se esvaziou de almas, aonde o guevarismo recrutaria suas forças hoje em dia? Isso não é tão simples de responder.

Contra o guevarismo de nossos dias joga o fato dele não ter um espaço geográfico, como havia no campo, para consolidar sua retaguarda. A seu favor, o inimigo estar mais próximo para ser alvejado, sendo que a panela de pressão em que se converteram as periferias das grandes cidades, o descrédito do povo nos poderes constituídos, o desemprego constante, o fácil acesso da juventude à tecnologia, a miséria que cresce a olhos nus, o caldo de violência, tudo, tudo vai indicando o caminho a seguir e algo a se vislumbrar no médio e longo prazo: o guevarismo movendo-se em um novo terreno, o urbano, e valendo-se de novos meios para incrementar seu inabalável método da ação direta para ir além daquele garoto que hoje só veste uma simples camiseta do Che. Quem viver verá!

Outubro Vermelho de 2017 – p/ Carlos

---

1 Não foi só a morte de algumas lideranças que levaram as FARC's à rendição. Seu militarismo a distanciou do povo e inviabilizou sua penetração nas cidades. Por sua vez, a sede de lucros que move os capitalistas pressionou o governo para negociar com a guerrilha e com isso evitar ataques guerrilheiros em áreas de investimentos de capital nacional ou estrangeiro.

2 Para se ter uma ideia, o Brasil tem hoje por volta de noventa milhões de cabeças de gado. Não obstante, a carne bovina tem preço elevado para os padrões brasileiros. É carne para exportação, mas que, dentre outras coisas, garante a lucratividade das empresas internacionais voltadas para a produção de medicamentos aplicados ao animal.

3 Por isso, apesar de toda vociferação, Donald Trump, só consegue manter a perspectiva de lucratividade dos capitalistas ianques com base na mesma política de guerra de seus antecessores. Por sua vez, os empregos pulverizados na pátria do Tio Sam jamais retornam ao que era antes.

4 Como na nota anterior, isso não é um problema apenas para a Esquerda. Os fascistas de hoje ganham votos com seu discurso xenófobo e podem mesmo assumir um governo qualquer, porém, esbarrarão sempre naquilo que foi essencial ao fascismo clássico: a intervenção maciça do Estado na economia para fazer dela uma economia de guerra, gerando emprego aos trabalhadores e lucros a seus patrões.

5 Guevara foi comunista sem ter vindo das fileiras do Partido. Perteceu a um exército de libertação nacional sem ser "nacionalista". Ao contrário, seu comunismo forjou-se na libertação nacional com a clareza de que limitar a luta em fronteiras seria projeto suicida.

pretendem destruir a previdência, para pagar mais juros aos parasitas do mercado financeiro.

A concentração de renda e a exclusão social são fenômenos mundiais. O capitalismo está reeditando níveis absurdos de concentração de renda e exclusão social. 800 milhões passam fome no mundo, enquanto a produção global de comida é capaz de cobrir 120% da necessidade alimentar da humanidade. No terceiro mundo, a cada 6 crianças, 1 está abaixo do peso, e 1/3 das mortes de crianças com menos de 5 anos estão relacionadas à desnutrição. Nova York tinha cerca de 60 mil sem-tetos em 2015, sendo que 25 mil eram crianças. De 2015 para 2017, o número de moradores de rua subiu 40% em São Paulo, chegando a algo como 25 mil pessoas. Pesquisa realizada pelo instituto Word Wealth & Income Database mostrou que a desigualdade de renda não foi reduzida no Brasil entre 2001 e 2015, os 10% mais ricos, que abocanhavam 54% da renda nacional, passaram a abocanhar 55%. Ou seja, a propaganda petista é mentirosa.

Como desgraça pouca é bobagem, paralelamente aos ataques neoliberais crescem também o conservadorismo e as milícias fascistas. No Brasil ganharam corpo aberrações como o projeto escola sem partido, o ensino religioso confessional e os ataques a museus e exposições.

O povo tá com a corda no pescoço e parece tranquilo. Mas nas cadeias se ensina uma antiga lição: a calmaria precede a rebelião. É uma boa metáfora, especialmente para uma sociedade vigiada e militarizada. O leite vai derramar, é questão de tempo.

Mészáros escreveu que, uma das contradições do tempo presente é que o proletariado é forçado a se defender quando precisa atacar. Quando todas as portas se fecham não adianta procurar as chaves, é hora de arrombar as portas.

Se é assim, e nós achamos que é, cabe aos revolucionários desenvolverem estratégias e táticas a partir das lutas concretas do tempo presente: sindicatos, ocupações, locais de moradia, movimentos estudantis e camponeses. Numa conjuntura de acirramento da luta de classes, cabe aos revolucionários potencializar e canalizar as lutas para o enfrentamento direto ao capital. Se não seremos levados pela correnteza. Se os revolucionários não assumirem a direção da história, serão atropelados por ela. Não basta se defender do capital, é preciso golpeá-lo, o que exige a construção de estratégias e táticas a partir das lutas concretas da classe, com seus limites e potencialidades.

Chegou um tempo em que a revolução é uma ordem, a revolução apenas, sem mistificações!

Espaço Cultural Mané Garrincha
Outubro de 2017

As lutadoras da grande revolução

"Quem foram elas? Indivíduos? Não, uma massa, dezenas, centenas de milhares de heroínas anônimas que caminharam lado a lado com operários e camponeses em nome da bandeira vermelha, com o lema dos sovietes, através das ruínas do odioso passado religioso e tsarista em direção a um novo futuro"
(Alexandra Kolontai)[1]

8 de março[2]. 1917. Rússia. União Soviética. Trabalhadoras da indústria têxtil saíram às ruas em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. As ruas se coloriram com tecidos de várias cores, vermelho, rosas, violetas, Alexandras, Krupskayas, Claras… E foram os gritos por melhores condições de trabalho que deram início à greve dessas trabalhadoras, que nesse período compunham um dos setores mais explorados. Logo esse grito se espalhou. Unificou-se o grito de um gênero, de uma categoria, a toda uma classe que se rebelou contra o regime czarista.

A luta deve ser construída. Não se dá do dia para a noite. Para militar é necessário romper grilhões. As correntes do patriarcado começaram a se romper. Legalização do divórcio. Descriminalização do aborto. Fim da divisão social e sexual do trabalho. Organização de mulheres. Foram algumas das bandeiras levantadas nesse marcante momento histórico. Passamos a ter voz como gênero e como classe.

Devemos, hoje, defender essas bandeiras a todo custo e nos mirar no exemplo de nossas companheiras soviéticas. Não nos esqueçamos, a Revolução não se dá em um estopim, ela é construída a fim de desconstruir valores enraizados pelo patriarcado e pela própria lógica capitalista, ainda que nesse momento o capitalismo não estivesse plenamente desenvolvido. Esbarramos nessas raízes.

Na Revolução Soviética a contradição da divisão do trabalho se mostra e nos traz o dilema de como lidar com ela. Quando as mulheres vão às fábricas se deparam com o dilema do cuidado das crianças. Ao assumirem trabalhos que até então eram predominantemente masculinos e, com o divórcio estabelecido, como cuidar de seus filhos? O cuidado com as crianças se tor-


Mulheres na Revolução de Outubro.

Che, 50 anos depois.

O que envelheceu e o que se manteve atual no guevarismo

Vale milhões de vezes a vida de um só ser humano do que todas as propriedades do homem mais rico da Terra
Che Guevara

A entrega das armas pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC's) no presente ano simboliza o fim de um método de luta, o da guerrilha rural 1. As Farc's nunca foram o guevarismo. Mas Che Guevara foi o símbolo maior deste tipo de luta, sendo que ao menos dois fenômenos minaram o solo do guevarismo tradicional: o agronegócio e as transnacionais.

O primeiro foi/é o investimento de capitais no campo, fazendo com que a terra deixe de ser simples reserva de capital e passe a contar com maquinarias altamente desenvolvidas ao mesmo tempo em que perde levas e mais levas de camponeses e indígenas para os centros urbanos. Além disso, dinamiza a indústria química com seus fertilizantes, agrotóxicos e pesticidas para plantas e animais 2. O segundo faz cair por terra o projeto de Libertação Nacional, pois uma empresa estende seus tentáculos para fora das fronteiras de seu país de origem e interliga-se a outras, frustrando tentativas circunscritas em plano nacional, seja de Esquerda ou de Direita 3, ao submeter cada Estado a seus interesses particulares. Feita essas constatações, busquemos na concepção guevarista o que a mantém de pé em nossos dias.

Primeiramente, a unificação de capitais por todo o globo liquida qualquer luta séria por dentro do chamado status quo 4. Por isso, mais do que nunca, fantasias eleitorais só perpetuam os grilhões que mantém o proletariado acorrentado, como nos ensina o Manifesto Comunista de Marx e Engels. Em contrapartida, o guevarismo, com sua ação direta, poderá se revigorar frente à decrepitude dos três poderes corruptos da burguesia: executivo, legislativo e judiciário.

Segundo, as crises afetam indistintamente países em todo o globo, reduz o número de capitalistas e aumenta a miséria por toda a parte, como podemos ver hoje nos EUA com milhares de famílias sem tetos. Ao seguir as tradições de solidariedade proletária, o internacionalismo guevarista conclama os povos a se unirem contra o inimigo comum, o capital-imperialista como força maior do capitalismo em geral.

Terceiro, Guevara transcendeu a Libertação Nacional ao se afirmar enquanto militante comunista, já que sua esfera de luta era o globo e não uma pátria em particular 5, pois o Estado nacional é condição de existência da burguesia 6 e o comunismo é a supressão do Estado e de suas fronteiras 7. Dessa concepção é que vimos brotar um desdém para a titularidade de ministro. A concepção de trabalho como processo

ral advindo do acesso aos meios e procedimentos artísticos, mas de guetização advinda da segregação e repressão às expressões artísticas não dominantes. Marquim tem uma rádio e gravadores onde ele pode criar através de procedimento artístico próprio, um testemunho e um significado próprio aos bailes que frequentava no passado, mas o baile mesmo enquanto manifestação popular foi reprimida.

É neste cenário que os amigos planejam coletar os sons e músicas produzidas em Ceilândia. Tecno bregas, RAPs, arrochas e sons de vendedores ambulantes são coletados e montados numa nova obra.

Assim como o cinema só arte para Benjamim na montagem, quando as diversas partes, não artísticas, são enfim montadas em perfectibilidade. No filme de Ardiley Queiroz, a bomba musical é montada com todos estes sons sobrepostos, criando uma nova obra, verdadeiramente artística, segundo os procedimentos artísticos possibilitados pela reprodutibilidade técnica

Final:

Caberia ainda explicitar os elementos de linguagem do filme, sua montagem completamente obsoleta ou seus planos chatíssimos - o filme todo é montado em planos médio e aberto; ou mesmo os aspectos positivos como a direção de arte que revindica a estética terceiro-mundista que transforma a precariedade em forma estilística, a bela atuação do protagonista. Por outro lado o dialogo que o filme estabelece com os autores da Escola de Frankfurt, por meio da narrativa e de sua própria transformação de um produto independente que se reivindica expressão popular em produto de consumo Cult e a proposta de resolução do conflito do roteiro o tornaram muito mais atraente.

Em suma: de posse de procedimentos artísticos próprios, propiciados pela era da reprodutibilidade técnica da obra de arte, Marquim, Sartana, planejam produzir uma bomba de sons produzidos segundo estes procedimentos, em perfectibilidade e valor de eternidade, para unificar a produção dispersa, lançando na frequência potencializada da rádio, alcançando, talvez devida a certa universalidade do espírito, o conjunto da sociedade como um produto enfim massificado e explodir os ares da cultura presente e futura.

Portanto, o filme parece confirmar a possibilidade da redenção Benjaminiana através da arte, contudo, se o poder destrutivo da bomba de musica advém da qualidade superior da música popular massificada, ou se ao contrário, do seu declínio Adorniano aos degraus mais baixos da sensibilidade, é uma alternativa que não tirarei do leitor.

Bom filme.

Will Cantuária
Bonsucesso, Guarulhos/SP em 2017

PARA LER ESTE TEXTO NA ÍNTEGRA, ACESSE:
http://espacogarrincha.blogspot.com.br/

PÁGINAS DA REVOLUÇÃO!

nou uma questão. A moral enraizada de que as mulheres que são responsáveis por esse cuidado jogou-as em meio a essa contradição.

Começou-se a pensar espaços que possibilitariam colorir a educação dos pequenos, comunidades infantis e juvenis. Infelizmente não houve tempo nem condições econômicas para implantá-las. Com a vinda do Stalinismo muitos retrocessos houveram. Ainda assim as discussões acerca da importância da educação e de como as crianças devem ser tratadas como seres sociais, são pontos que deveríamos retomar à nossa luta diária nos dias atuais.

Educação. Divisão de tarefas. Relação das mulheres com o trabalho. Direito ao corpo. Foram pensados na União Soviética. No entanto muitos desses temas são sequer debatidos hoje. Uma Revolução Proletária não serve apenas para ser posta em um pedestal como um troféu na história da luta de classes.

Nós, homens e mulheres trabalhadores, construímos e escrevemos essa história. Nossos companheiros e companheiras soviéticos fazem parte dela. Deles herdamos o dever de continuar a escrever.

Em 1920 o aborto foi legalizado na União Soviética, algo impensável no atual contexto brasileiro. As contradições existem e sempre existirão, ao expô-las vamos contra a corrente. Ao olhar a grande revolução nos cabe também se apropriar de seus ensinamentos, beber na luta de revolucionários e revolucionárias que se dispuseram a questionar e a morrer pelos sonhos de emancipação de uma classe. Continuemos a escrever a história, a lutar e a sonhar em direção a um novo futuro.

Carpe

1. Trecho do Texto de Alexandra Kolontai "Mulheres Militantes nos Dias da Grande Revolução de Outubro".
2. 8 de março no calendário gregoriano. 23 de fevereiro no calendário juliano, predominante na Rússia nesse momento.

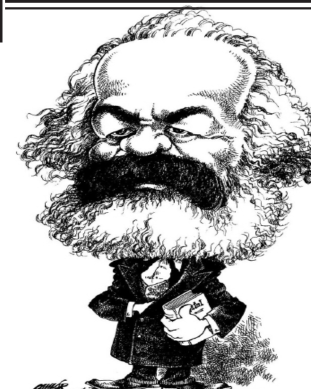
Grupo de estudos D'O Capital

Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo diferentemente, cabe transformá-lo" - Karl Marx

Desde 2008, o Espaço Cultural Mané Garrincha vem realizando o grupo de estudos d'O Capital, de Karl Marx. Em 2014 formou-se um novo núcleo. Atualmente nos reunimos todo terceiro sábado do mês para continuar esta empreitada.

Acompanhe o andamento das reuniões pelo nosso blog.

http://espacogarrincha.blogspot.com.br/



O Semi-Estado em Lenin

Nos seus pouco mais de dois meses de existência, antes de ser massacrada pela reação burguesa, a Comuna de Paris (1871) atingiu na essência aquilo que alimenta a máquina estatal burguesa, liquidando sua burocracia e seu Exército Permanente. No lugar de um funcionário de carreira, alguém com salário de um operário médio e podendo ser removido a qualquer momento. Em vez de Forças Armadas separadas do povo, um povo organizado e de armas nas mãos.

O conceito de semi-Estado de Lênin em O Estado e a Revolução é similar ao definhamento do Estado extraído por Engels da experiência da Comuna[1].

Escrita as vésperas da Revolução de Outubro, a obra ataca duas frentes opostas: a reformista e a anarquista.

Para a primeira, bastaria um governo com uma reforma política inclusiva para os trabalhadores. Para os anarquistas, a demolição imediata do Estado. Por sua vez, em acordo com a lição marxiana segundo a qual o Estado é um comitê para gerir os negócios da burguesia[2], Lênin contraria os reformistas ao defender a destruição do Estado burguês. Contra a imediatez do pensamento anarquista, reivindica um Estado transitório surgido dos escombros da velha sociedade, sem utopias e com claro objetivo em fazer avançar a linha revolucionária a partir das condições concretas da sociedade e grau de maturidade política dos trabalhadores.

Para Lênin, devia-se explodir a burocracia estatal e seu corpo militar, além de fazer avançar o poder dos trabalhadores organizados em posse do Estado transitório, apoiando-se nas decisões coletivas do qual o Soviete[3] seria expressão genuína. Ora, mas se é assim, como explicar o Estado policialesco em que se tornaria a sociedade soviética naquilo que passou para a história como stalinismo?

Semi-Estado e definhamento do Estado: uma diferença de graus?

Para Engels o Estado não é algo que se possa remover como fosse um objeto. O Estado não se extingue, mas se definha com ações concretas até o torná-lo ineficaz. Ele expressa a divisão da sociedade em classes, não para mediar seus conflitos, mas para garantir os interesses da classe dominante sobre os dominados[4] e perderá seu sentido quando não houver mais classes sociais. Porém, ele se justifica enquanto a burguesia deseje retornar ao poder, enquanto houver divisão entre campo e cidade ou mesmo para mediar conflitos individuais no âmbito jurídico[5].

Durante os dias da Comuna a burguesia e os reacionários fugiram para Versalhes e de lá, sob a chefia de Thiers, organizaram a reação contra os insurretos. Um duplo poder dividiu a França: o governo burguês de Versalhes e o governo operário de Paris. Para coroar a fraternidade entre os burgueses, a Alemanha, que se encontrava em guerra com a França, libertou milhares de soldados franceses para marchar contra os parisienses. Milhares foram mortos. A Comuna caiu, mas sua pedagogia

a diferença de que aqui o emissor tem pouca preocupação aqui com um expectador massificado.

Pelas memórias de Marquim constrói-se certo glamour em torno dos bailes passados, sobre os quais agora temos apenas o testemunho filtrado e resignificado por Marquim.

Outro crédito que podemos dar para Adorno acontece na cena em que Dimas Cravalanzas, o agente terceirizado do futuro, esta sentado sobre sua nave e começa a batucar uma música, e quando na primeira frase cantada por ele identificamos a música "só vou gostar de quem gosta de mim" eternizada em nossas memórias por Roberto Carlos, segundo Adorno quando com poucos elementos reconhecemos uma obra, ela completou seu ciclo, se realizou como mercadoria do espírito, como se o seu consumo social estivesse completo a ponto de ser reconhecido em qualquer de seus elementos, no exemplo, quando reconhecemos a musica nas primeiras palavras ela se realiza completando o ciclo da mercadoria do espírito da indústria cultural.

A vingança Histórica:

Com emergência dos modos de criação artísticos burgueses. Vai se formado novas formas de leitura praticada pelos setores médios da sociedade, que vai dos jornais passando para as revistas e culmina na possibilidade histórica do romance, esta nivelação cultural seria primordial para a possibilidade da cultura de massas, as classes médias e burguesia leitora possibilitou o surgimento de um mercado de bens culturais, ao qual depois viria se somar também a aristocracia decadente. Constata-se assim um paralelismo entre formação cultural e gosto estético, que passam a ter também contornos de classe.

A delimitação esta dada: admiti-se a existência de um púbico de classe média, postula-se uma elite cultural para orientar o gosto e simultaneamente rejeita-se a possibilidade das camadas inferiores da sociedade de participarem da criação e fruição dos bens culturais.

Seguindo nessa direção, no contexto do filme, temos um cenário de nivelação cultu-



tir sons em frequências longas, ou mesmo para fazer uma transmissão eletromagnética fatal para os que estiverem ao seu alcance.

Neste contexto, e aqui inevitavelmente incorreremos em spoiler, o plano de Marquim é coletar os sons e musicas da periferia e lançá-las numa transmissão que alcance toda Brasília. Uma bomba musical capaz de mandar pelos ares a cultura e o gosto dominante.

De Brasília à Frankfurt:

Segundo Walter Benjamin em "A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica" o produto de artístico sempre foi reprodutível em qualquer época, o que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros, seja por discípulos, seja por terceiros por interesse no lucro. A reprodutibilidade técnica, no entanto, representaria um processo novo.

As transmissões de Marquim não são apenas transmissões de músicas, com acesso à obra arte reprodutível em discos somada ao acesso aos meios de produção artísticos, Marquim transforma as músicas que toca acrescentando a elas sua subjetividade na forma de memória e digressões sobre os acontecimentos de seu passado.

Ainda segundo Benjamim, mesmo para a mais perfeita reprodução falta algo, o aqui e agora da obra de arte. A história da obra de arte compreende não apenas as suas transformações físicas, mas também as relações de propriedade que estabeleceu. A reconstituição destas relações só pode partir do lugar onde se achava o original.

O aqui e agora do original constitui o conteúdo de sua autenticidade. A esfera da autenticidade escapa a reprodutibilidade técnica. A reprodução técnica tem mais autonomia que a reprodução manual, ela consegue acentuar traços da realidade que olho não enxergaria e aproximar do indivíduo a obra, os discos por exemplo. A catedral abandona seu lugar para dar lugar ao estúdio de um amador.

Também aqui, no filme, vemos como o testemunho do original se mistura ao testemunho pessoal de Marquim criando algo novo, trata-se de algo mais que ressuscitar a canção original tal como foi concebida, ela é acrescida de novos significados, a relação de propriedade estabelecida com Marquim empresta ao disco, em sua transmissão no rádio, uma nova história que transforma a obra. Em diversas cenas ele usa a música original como playback para suas letras e digressões, criando, sem dúvida, algo novo.

Em outra cena em que Marquim relembra dos dias que se encontrava com Sartana e os outros no clube 40, depois de uns minutos rememorando a dinâmica dos bailes, ele dedica a música que começa ao amigo Sartana, em outra cena aos amigos Shoquito e Stone. Estas dedicatórias lembram muito daquilo que Theodor Adorno chamou atenção no seu ensaio "Sobre a Música Popular" sobre o poder do anúncio precedente ao início do espetáculo, os conhecidos prefácios ao produto e vida do autor anunciados pelo apresentador. Esse eterno "agora vamos começar" que cria uma expectativa e faz a música se realizar de que Adorno fala pode ser lido também nestas cenas, mas com

PÁGINAS DA REVOLUÇÃO!

ficou de pé ao mostrar o caminho para se por fim ao Estado, além de ter rechaçado o federalismo do anarquista Joseph Proudhon e o espírito de seita centralista de Auguste Blanqui [6].

No caso russo, outras questões se apresentaram. O poder da burguesia fora extirpado, mas as medidas draconianas que os bolcheviques tiveram que tomar deixariam sequelas na nova sociedade. Recordemos algumas delas.

Comércio da produção agrícola através da Nova Economia Política (NEP). Subdivisão na linha de produção [7]. Fim do direito de tendências no interior do Partido. Substituição de milícias populares pelo Exército Vermelho. Criação da figura do Secretário Geral [8], cargo assumido por Joseph Stálin após Trotski e outros nomes do Partido recusarem a nomeação. Essas, somadas a outras medidas, minariam a tensão dialética e necessária que havia entre três poderes: Estado, Partido e Sovietes.

Assim, enquanto o definhamento de Estado teorizado por Engels, sem maiores consequências práticas, assumiu seu aspecto formal com base na curta experiência da Comuna, o semi-Estado de Lênin teve que conviver com uma situação inusitada, três poderes em mãos revolucionárias, mas um primando pela ação direta (Sovietes), outro pela tomada do poder (Partido) e outro para oprimir a classe adversária (Estado). Estado e Partido poderiam se fortalecer, mas isso equivaleria enfraquecer os Sovietes. Fortalecer os Sovietes era dar vazão a teoria do semi-Estado. Era dar as bases para definhar o Estado. Venceram os primeiros. A Revolução se burocratizou.

Em O Estado e a Revolução Lênin é enfático em conceber o semi-Estado enquanto poder gerido a partir dos Sovietes. Mas a centralização em poder do Estado e Partido amparado num Exército profissional, mantido após o fim da guerra civil, demonstrou que o velho Estado reapare-


Lenin.

ceu sob bases soviéticas. Claramente houve confusão entre poderes de naturezas distintas, sendo que o do Sovietes deixou de ser de fato poder para se tornar meramente um poder retórico. O Estado voltou a ser cultuado[9].

Dito isso, há de se tomar cuidado. Tecer essas palavras um século depois é coisa fácil. O que fazer frente a uma situação que exige soluções concretas é que é o difícil.

Simplesmente dizer que o poder pertence ao povo e que no caso russo só o Soviete seria o verdadeiro poder nada resolve. Fosse assim, caberia perguntar onde estava este poder surgido em 1905 e que só reapareceu em 1917?

Organizações massivas como os Sovietes somente surgem em períodos explosivos de grande pauperização das massas, quando os poderes constituídos já não as conseguem engabelar mais. Já, o Partido[10] é o instrumento para esclarecer e impulsionar as massas à luta mesmo em períodos de reação e anestesia política do povo. Ele é o órgão de independência de classe, pois forja sua teoria no conjunto da luta. Por isso, o Partido é imprescindível. Quanto ao Estado, não cabe aqui perder tempo se ele é ou não importante. Seria como dar ouvidos a um louco que quisesse criar uma lei para acabar com o Direito. A questão é: frente ao fato do Estado existir, que fazer? Tentar conciliar água e óleo como faz o reformista que fala em socialismo sem expropriar a burguesia? Fazer como o anarquista cuja utopia ignora o autoritarismo de um ato revolucionário ao se contrapor ao poder dominante [11]? Que ignora que os povos não chegam à Revolução ao mesmo tempo e que isso exigirá negociar com forças anti-revolucionárias?

Fechemos o presente trabalho recordando aqui Rosa Luxemburgo que ao criticar as medidas bonapartistas que Lênin e Trotski tomaram no curso da Revolução de Outubro nunca deixou de frisar que aquelas medidas duras expressavam a dureza da sociedade russa recém saída do passado tsarista para edificar uma sociedade socialista naquelas condições[12]. Enquanto outros líderes só fizeram discursos e teses, afirma Rosa, Lênin, Trotski e seus camaradas ousaram. Nesse sentido, o futuro pertence a eles[13].

Ninelino da Silva

---

1 Prova disso é, durante a leitura, nos deparar muito vezes com a terminologia definhamento em vez de semi--Estado. Contudo, sem nenhum prejuízo de uma concepção para outra.

2 Manifesto do Partido Comunista (Marx e Engels).

3 Conselho Popular. Surgido durante o curso da revolução de 1905, ressurgiu às portas da grande Revolução. Num primeiro momento era uma organização consultiva, depois se tornou deliberativa.

4 "O Estado é um órgão de opressão de uma classe sobre a outra" – Engels.

5 Cai o Estado, mas o Direito burguês persiste na primeira fase da Revolução. (conf. Programa de Gotha, Marx).

6 Contra o autonomismo de cada região preconizado por Proudhon, os Comunardos aprovaram a Assembléia

Terrorismo Cultural:

uma interpretação do filme "BRANCO SAI, PRETO FICA"

(este texto contém spoilers)

No filme "Branco saí, preto fica" de Adirley Queiros é possível abordar a potencialidade da Cultura Popular e da Arte na transformação social.

O filme é todo montado em planos médio e aberto, revindica a estética terceiro--mundista que transforma a precariedade em estilo, isso para não falar no excepcional trabalho de direção de arte e na bela atuação do protagonista.

A obra foi a grande vencedora no Festival de Brasília de 2015 com os Prêmios de Melhor Filme, Melhor Ator e Melhor Arte, além do Prêmio da critica.

Um pouco da trama:

No futuro, ano de 2070, o Estado brasileiro é processado por crimes cometidos contra populações negras e periféricas, um agente terceirizado a serviço dos investigadores é enviado aos tempos presentes para coletar provas, sua missão é encontrar Sartana, o homem que pode incriminar o Estado, mas Sartana e seu amigo Marquim têm outros planos.

Anos antes, mais precisamente em 1982, a polícia invadiu um baile funk gritando "Branco sai, preto fica!" Marquim e Sartana, ambos negros, sobrevivem ao massacre, um perde uma perna o outro fica paralítico.

O protagonista do filme, Marquim, é radialista, é dono de sua própria estação, uma rádio amadora em Ceilândia/DF. Ele usa as transmissões para tocar suas musicas preferidas, relembrar o passado e tentar encontrar Sartana, seu amigo vitima do mesmo episódio de violência. Entre uma música e outra faz digressões sobre a época em que se reunia com os amigos Sartana, Shoquito e Stone no Clube 40 para ouvir e dançar o som funk dos anos 1980.

Na cena em que somos apresentados a Marquim, ele faz uma transmissão onde com uma música de fundo declama o que parece ser uma crônica, aos poucos a declamação vira música, que Marquim canta, posteriormente a peça se transforma num tipo de reportagem, vemos o protagonista desempenhar uma performance multigênero que mistura literatura, música e reportagem numa crônica por meio da qual entendemos que comunicação de mídia e arte não são separáveis no contexto do filme.

A distópica Brasília de Marquim e Sartana é uma cidade segregada, com toque de recolher às 20 horas, quem mora na periferia não chega ao centro sem um passaporte, contudo, é um reino de pirataria e acesso aos meios de produção de mídia e de arte. Onde em qualquer oficina de fundo de quintal se tem acesso a softwares médicos sofisticados e um morador de periferia pode dispor de equipamentos para gravar e transmi-

E então, que queres?...

Fiz ranger as folhas de jornal
abrindo-lhes as pálpebras piscantes.
E logo
de cada fronteira distante
subiu um cheiro de pólvora
perseguindo-me até em casa.
Nestes últimos vinte anos
nada de novo há
no rugir das tempestades.

Não estamos alegres,
é certo,
mas também por que razão
haveríamos de ficar tristes?
O mar da história
é agitado.
As ameaças
e as guerras
havemos de atravessá-las,
rompê-las ao meio,
cortando-as
como uma quilha corta
as ondas.

(Vladimir Maiakovski)

B.

1 No romance Ensaio Sobre a Lucidez o escritor José Saramago traz a situação ficcional em que os eleitores se negam a participar das eleições, à maneira que desejavam os candidatos.

2 A famosa Carta ao povo brasileiro é parte de um programa que busca unificar as classes antagônicas sob a bandeira de um ''Brasil de Todos''. Nela é afirmada a honra e comprometimento com o capital financeiro e promete ainda aumentar o mercado interno por meio do consumo de massa. Esta carta, que bem poderia chamar-se 'Carta aos Companheiros Capitalistas' é a porta de entrada para o harmonioso pacto social tão defendido pelo petismo.



NÃO À EXTRADIÇÃO DE CESARE BATTISTI!

SOMOS TODOS BATTISTI

PÁGINAS DA REVOLUÇÃO!

Popular de Paris como centro de decisões. Contra o espírito de seita de um grupo iluminado, segundo a concepção blanquista, decisões coletivas em praça pública.

7 O sistema Taylor de produção foi/é aplicado na indústria capitalista. Ele faz aumentar a produção e diminuir o controle do trabalhador sobre aquilo que produz, aprofundando sua alienação.

8 Medidas drásticas surgidas num contexto de guerra que combinadas com as derrotas proletárias no resto da Europa, especialmente na Alemanha, potencializou o poder centralizador do Partido em detrimento da auto-organização povo em Sovietes.

9 Culto ao Estado. Crítica que Engels dirigia aos dirigentes alemães de sua época.

10 Sua natureza insurrecional e conspirativa nada guarda em comum com certos epigonos a conclamar o povo a votar contra seus algozes. Contra os burgueses, o Partido Leninista é claro, bala neles!

11 Na polêmica com os anarquistas Engels sustenta que estes eram ignaros quanto à natureza autoritária de uma Revolução, pois esta é a supressão, pela força, de uma classe por outra. Por isso mesmo Engels desdenhava certas teorias anárquicas a clamar por um Estado livre uma vez que, havendo Estado não se poderia falar em liberdade. Havendo liberdade, Estado já não haveria.

12 Daí, como salienta a própria Rosa, o risco de se transformar aquela experiência numa teoria universal.

13 Citação não literal do opúsculo "A Revolução Russa" de Rosa Luxemburgo.

Não poderíamos nos ocultar diante do grandioso acontecimento. O silêncio e as páginas em branco não nos apetecem. Entramos no campo da História e jogamos no time da classe trabalhadora.



O Espaço Cultural Mané Garrincha desta vez irá tabelar com a Revolução Russa. 100 anos não significa dizer que esta esteja impotente para os dribles e gols que a partida demanda. Não! A revolução está viva. E joga conosco.

* Acompanhe nossas próximas atividades pelo facebook.

A esquerda que navega

A esquerda se encontra em um mar tempestuoso. As ondas, raios e vendavais tentam nos levar ao fundo, à absoluta escuridão. Os tempos não estão fáceis. O Capital avança com entusiasmo e intensidade sobre o Trabalho, sugando-o. As chamadas "reformas" têm o objetivo de cumprir o repertório costumeiro de perversidades, são mais peso sobre os ombros da classe trabalhadora. Os ataques mostram o nu, mostram o capitalismo sem suas falsas e pomposas vestes. Por um lado, os ataques contribuem, significativamente, para o aumento da taxa de lucro, por outro, empurram o grau de pobreza da classe trabalhadora às nuvens. A pauperização material tende a elevar consigo o grau de pobreza dos espíritos. A tempestade parece se avolumar...

...avoluma, avoluma e aparenta também não ter fim. Sobretudo quando olhamos para a esquerda, para si. Parecemo-nos afogados, lançados ao mar. Quando olhamos para o resultado da greve organizada no dia 30 de junho, a sensação de que estamos nos afogando aumenta. Contribui para esta, o ataque que foi dado pelo golpista Michel Temer (posto para apressar o golpe à classe trabalhadora) - junto de Henrique Meirelles, latifundiários e empresários parlamentares - com a aprovação da reforma trabalhista. Precarização do trabalho e desmonte das forças organizadas de representação das categorias. Nas fortes mobilizações anteriores, greve de 28 de abril e ocupação de Brasília no mês seguinte, as centrais sindicais tiveram papel fundamental de mobilização. No entanto, agora, nocauteadas, postas na lona - muito por conta do fim do imposto sindical e pelo distanciamento de suas bases - parecem estar a deriva, boiando em meio ao mar. Os sindicatos, para serem considerados como verdadeiros instrumentos da classe trabalhadora, precisarão passar por uma reestruturação radical. Isso significa dizer que, ou travam lutas concretas ao lado dos trabalhadores - longe dos conchavos de gabinete - ou, do contrário, afundarão. (Sem lágrimas).

No que toca aos partidos, a tempestade não cessa. A forma de representatividade burguesa, por meio das eleições, há tempos vem sendo o principal meio da esquerda se por frente a luta de classes. Alguns depositam sua máxima energia neste caminho, aquilo que era tático se cristalizou estratégico. Na contramão, dados recentes convergem no diagnóstico: a população brasileira, em sua maioria, não têm mais ilusão na democracia burguesa. O elevado número de abstenções, nulos e brancos, que ano após ano se mostra mais elevado, comprova a afirmação. É a ficção de Saramago antecipando a realidade, dirão alguns.1

A consciência ingênua e mística dos petistas contribuem para que o cenário superior às eleições não se realize. Não pelo motivo de o PT se inscrever nas trincheiras daquilo que chamamos de esquerda, pelo contrário. A desavergonhada campanha feita para que o conciliador de classes (Quem não se lembra da Carta ao povo brasileiro?) 2 seja eleito em 2018, necessariamente, põe à parte da esquerda a ''precisão'' de disputar as eleições, com perspectivas vagas de êxito. Infelizmente, ainda não saímos desta tormenta de dependência. A esquerda séria - comprometida com a superação das classes - deve se emancipar plenamente das políticas burocráticas e conciliatórias, caso queira enfrentar a tempestade que o atual cenário político-econômico nos impõe.

A história é uma das nossas mais importantes matérias-primas. É ela que nos ensina a traçar caminhos no presente, visando o amanhã. Podemos dizer que a história é o nosso barco, nos ajuda a passar pelas tormentas e encontrar terra firme. Sem o acúmulo histórico legado à classe trabalhadora ao longo de séculos, incorremos na reprodução de uma consciência ingênua, facilmente maleável. A história recente, a partir de junho de 2013, contribui para fugirmos das ondas da mesmice.

2013 inaugura um novo período de lutas, novas formas de combate. A crise econômica posta no centro do capital ecoou em terras tupiniquins, e fizeram com que variadas camadas da sociedade se pusessem em movimento. As ruas passaram a ter cores que antes não tinham. Pode-se dizer, sem medo de erro, que as lutas, a partir do ano citado, ganharam um outro patamar de enfrentamento. Isso tanto para um lado quanto para o outro. O endividamento das classes médias os puseram a bater panelas e tirarem dos armários seu reacionário ódio de classe. Doutro lado, a luta da classe trabalhadora ganhou potencialidade. As ocupações por moradia e das escolas públicas trazem elementos novos à luta de classes. Ações diretas. As greves (com seu caráter, intrinsecamente, pedagógico) aumentaram. 2013 tirou o ponto final da história.

O momento histórico clama por uma reelaboração que seja mais consistente. Os métodos são chamados pela história a se porem de maneira mais contundentes, convictos. Não é tempo para titubeios. A esquerda precisa sonhar novos sonhos, aqueles que foram apresentados outrora, caducaram. É preciso elaborar um programa junto às massas, que seja avesso à mais-valia. É preciso criarmos condições para que os locais de trabalho, moradia e estudo passem a ser organismos de decisões coletivas. Criar essas condições é imprescindível, no sentido de impulsionar uma organização gradual que enfraqueça as instituições burguesas. A esquerda tem o compromisso de elaborar, sob as bases do concreto, os caminhos que nos conduzirão à terra firme. Quem navega, navega pelo fim das classes.

Devem fazer parte da nossa embarcação as lutas organizadas da classe trabalhadora, as lutas do povo. Cabem nela: Primavera dos Povos de 1848, Comuna de Paris, Revolução Russa, Canudos, Quilombos... Na nossa embarcação, porém, nem uma única gota de conciliação.

Hoje o nosso barco navega em tempestade, é certo. No entanto, na Proa há palavras sedentas que guiam na direção contrária: